

"Die Philosophen haben die Welt nur verschieden interpretiert. Es kommt darauf an, sie zu verändern." (Os filósofos se limitam a interpretar o mundo de maneiras diferentes. O fundamental é transformá-lo.)
KARL MARX, *Teses sobre Feuerbach*

"Die Philosophen haben die Welt nur verschieden interpretiert. Es kommt darauf an, sich zu verändern." (Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de maneiras diferentes. O fundamental é transformar-se.)
RUDI DUTSCHKE, inadvertidamente, ao terapeuta que o ajudava a reaprender a ler, enquanto se recuperava do atentado que sofrera.

* Com o título de "Estatismo vs. Imediatismo: noções conflitantes da política na Alemanha Federal", este trabalho foi apresentado na sessão "A Constituição dos Agentes Políticos", organizada por Norbert Lechner, durante o XII Congresso Mundial da International Political Science Association, em agosto de 1982, Rio de Janeiro.

¹ OFFE, Claus: "Countdown für das sozialliberale Regierungsbündnis?", in *Links*, n.º 143, fev. de 1982, pp. 15-16.

² ESSER, FACH, SIMONIS: "Grenzproblemedes 'Modells Deutschland'", in *Prokla*, n.º 40, 1980, pp. 40-63.

No momento em que escrevo estas linhas, o governo Schmidt/Genscher em Bonn parece tão instável que é bem possível que não esteja mais à frente da Alemanha Federal quando o presente trabalho chegar às mãos do leitor. Isso significaria o fim de treze anos de governo social-democrata, numa coalizão com o pequeno mas influente Partido Liberal. Na melhor das hipóteses, a coalizão talvez consiga durar até as eleições gerais de 1984, escondendo a falta de substância atrás da ausência de alternativas confiáveis por parte da oposição democrata-cristã. Mas o mais provável é que nem mesmo Schmidt possa ganhar as eleições de 1984 para o Partido Social Democrata (SPD), pois este está corroído por profundas divisões internas sobre todas as questões relevantes: política econômica e social, armas e energia nucleares, relações com os Estados Unidos, defesa e segurança interna, juventude e educação... O próprio modelo do desenvolvimento social está em disputa.

Não há dúvida de que toda uma época da história do pós-guerra na Alemanha Federal — e talvez não apenas na Alemanha — está chegando ao fim. Como pano de fundo desse divisor de águas estão a crise econômica, o agravamento dos conflitos de política externa e uma crise generalizada do consenso e dos padrões tradicionais de legitimidade.

Neste trabalho, será focalizado esse último aspecto. Começaremos, no entanto, com um breve retrato da atual situação econômica e política como um todo. Não é meu objetivo ser empiricamente exaustivo ou teoricamente profundo; pretendo, isto sim, fornecer algumas indicações sobre o debate atual que se trava na sociedade alemã, ou mais especificamente: na (e sobre a) "segunda sociedade" da Alemanha Federal, pois assim se denominaram os novos movimentos sociais e estados de ânimo. Sendo parte interessada neste debate, a minha versão será tão subjetiva quanto a de qualquer um. Por muito tentador que possa ser, não pretendo comparar a situa-

ção alemã com a de outros países; espero que estas anotações sejam suficientemente controvertidas para que o leitor faça comparações por conta própria.

Tilman Evers

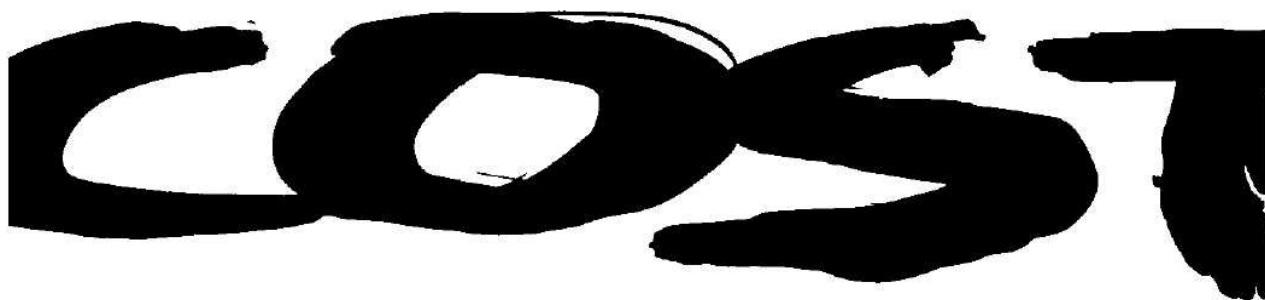
Rachaduras no statu quo

Resumir as bases do consenso tradicional nas palavras "segurança e crescimento" talvez não implique uma simplificação demasiadamente grosseira.¹ A aceitação desses valores para quase todos os grupos socialmente relevantes da Alemanha Federal levou a uma estabilidade notável do *statu quo* social durante trinta anos. Na sua campanha eleitoral de 1972, o SPD falava com orgulho de um "modelo alemão".

De maneira menos eufórica, poderíamos esboçar as principais características do "modelo alemão" como segue.²

1) Em termos econômicos, o "modelo" baseia-se na posição privilegiada da Alemanha enquanto segunda potência comercial do mundo (atrás apenas dos EUA, desde 1959) e maior exportador mundial de bens industriais, sobretudo de bens de capital (desde 1969). Essa posição permitiu que houvesse, de forma ininterrupta até 1979, um superávit anual bilionário no balanço comercial e de pagamentos. O modo de inserção na economia mundial garantiu um fluxo de procura contínuo de produtos *made in Germany*, e evidenciou os problemas inerentes a esse tipo de modelo de crescimento, tais como a superacumulação, a desproporção entre os setores, a queda da taxa de lucro, problemas com o meio ambiente, etc. Sendo o setor externo o eixo da acumulação, qualquer política econômica integrada no "modelo" tinha de estar subordinada ao princípio da *preservação da competitividade internacional* como critério prioritário.

2) Quanto às forças sociais, o "modelo" implica a clara hegemonia dos setores exportadores do capital alemão. Essa hegemonia não é disputada nem pelos setores mais débeis da economia



Trabalhadores estrangeiros, mulheres, operários jovens e "velhos", desempregados, aposentados, inválidos, minorias étnicas, culturais ou sexuais, etc.

(inclusive por aqueles voltados para o mercado interno, e portanto vulneráveis à concorrência dos bens importados), nem pela classe operária. A integração social das classes subalternas é indubitavelmente o elemento-chave de todo o "modelo". Ela foi conseguida através de um crescimento contínuo dos salários reais, da instalação de uma rede de previdência social do tipo *welfare state* e de organizações sindicais identificadas com o modelo exportador, que circunscreveram, isolaram e suavizaram suas consequências internas potencialmente conflituosas. A política dessas organizações trabalhistas, demonstrando uma aceitação "co-responsável" do princípio da competitividade internacional, pode ser vista como expressão racional e realista do interesse da hierarquia dos sindicatos de trabalhadores em preservar um alto padrão de emprego e de poder aquisitivo para o núcleo industrial da classe operária alemã, que constitui sua própria base eleitoral, permitindo que as flutuações do mercado de trabalho sejam absorvidas por uma "periferia" de setores de assalariados com menor poder de barganha (trabalhadores estrangeiros, mulheres, operários jovens e "velhos").

3) Em termos políticos, o modelo baseia-se em formas corporativas de harmonização social através de uma vasta estrutura de corporações, onde estão organizadas as várias frações do capital, além dos sindicatos de trabalhadores, os agricultores, as profissões liberais, etc. A pacificação dos setores sociais menos integrados no "modelo" (a "periferia" de assalariados mencionada acima, todas as categorias fora do processo de produção de mais-valia, como os desempregados, os aposentados, os inválidos, as minorias étnicas, culturais ou sexuais, etc.) fica a cargo da rede de previdência social, mas também de um sistema de segurança interna que combina um conjunto abrangente de instrumentos preventivos com a repressão seletiva, salvaguardando, no possível, a aparência de legalidade.

É evidente que a maioria desses ele-

mentos antecede de muito o governo social-democrata. O "modelo alemão" emergiu no imediato pós-guerra, na era da reconstrução capitalista e da restauração liberal sob Adenauer e Erhard, quando a manifestação do conflito social era severamente inibida pela ocupação e divisão da Alemanha e pelo clima de anticomunismo da "guerra fria". Suas raízes históricas remontam à destruição do poderoso movimento da classe operária alemã pelo governo nazista, à organização corporativista estatal a partir de 1933 e, mais além, à tradição do autoritarismo prussiano. É também nessa história que encontramos as origens da ausência de uma esquerda capaz de questionar os parâmetros do modelo.

A recessão econômica de 1966/67 abriu uma brecha para o SPD participar do governo. Formando uma "grande coalizão" com os conservadores da CDU (União Democrata-Cristã), a social-democracia ofereceu uma solução keynesiana para a crise. A recuperação rápida e a conseqüente saída da crise — antes pela dinâmica do próprio ciclo do que pelas políticas keynesianas — deram ao SPD a reputação de ser um administrador mais imaginativo e adequado do "modelo". A fase de reformas — as quais de qualquer maneira já se tinham tornado uma necessidade e foram introduzidas sob Willy Brandt (1969/74) — parecia confirmar essas expectativas.

A crise econômica mundial de 1973/74 assinalou o começo do fim das bases materiais desse reformismo keynesiano e do *welfare state*. Desse ponto de vista, a demissão de Brandt e sua sucessão pelo "pragmático" Schmidt, em 1974, não foram nada acidentais. Desde então, o SPD não se preocupou mais com reformas, mas com a necessidade de resistir à crise, além de administrá-la.

A resposta básica do SPD à crise consistiu no esforço de defender, e até realçar, o modelo exportador com uma especialização mais acentuada ainda em "produtos inteligentes", nas áreas de pesquisa, automatização, energia nuclear



e solar, reciclagem, comunicações, transportes, armas, etc. Internamente, isso significou o reforço do processo de racionalização, automatização e concentração, com o auxílio de enormes subvenções estatais.

Em consequência disso, o desemprego subiu de seu nível tradicionalmente baixo — por volta de 1%, até 1973 — a um novo patamar estrutural de 4% a 5%, a partir de 1975. A "adaptação estrutural ativa" resultou, na prática, em perda de empregos, através da racionalização e da concentração, da concorrência dos produtos importados e da emigração das indústrias menos competitivas. Nos seus esforços para defender o "modelo alemão", o governo implementou uma série de políticas que de fato o enxugaram, até que ficassem apenas os dois pilares básicos: a competitividade internacional e a manutenção dos níveis de emprego e salários do núcleo central da classe operária, à custa da sua "periferia", que foi sendo cada vez mais exposta aos riscos sociais. Com essa aposta ilimitada na capacidade de exportação do capital transnacional da Alemanha Federal, a social-democracia necessariamente gerou problemas sociais e de legitimidade para o governo.

De modo geral, a aposta deu dividendos nos anos que antecederam 1978, sobretudo graças à recanalização dos petrodólares para a economia da Alemanha Federal. Mas a nova duplicação dos preços do petróleo em 1978/79 fez com que o superávit de 17,5 bilhões de marcos no balanço de pagamentos para 1978 fosse substituído, em 1979, pelo primeiro déficit do pós-guerra, da ordem de 28,2 bilhões de marcos. O aumento correspondente dos preços dos produtos importados, além das altas taxas de juros nos Estados Unidos, causou uma queda no crescimento do PNB para apenas 1,8% em 1980, e uma taxa ligeiramente negativa em 1981. Nunca ocorreram tantas falências na Alemanha Federal como em 1981; e pela primeira vez houve uma redução de 0,5% nos salários reais. O

desemprego subiu para 5,6%, o ponto mais alto desde 1954, e no começo de 1982 estava no nível assustador de 6,7%, ou quase 2 milhões de desempregados, com tendências para elevar-se.

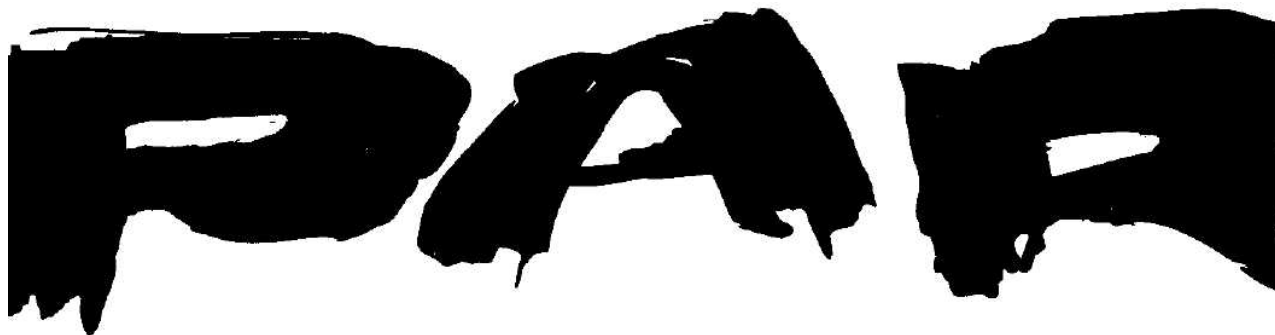
Assim, com o agravamento da crise econômica, a estratégia de defesa da estabilidade social alemã pela insistência nas características principais do "modelo" ameaçava erodir as próprias bases da prosperidade e da paz social que pretendia salvaguardar.

Ao mesmo tempo, a aceleração da corrida armamentista desde a invasão soviética do Afeganistão, os eventos na Polônia e os constantes atritos com "Washington trouxeram a política externa para o centro da controvérsia interna.

No campo ideológico, o SPD está batendo em retirada (digamos que consegue promover algumas escaramuças enquanto recua), diante de uma ofensiva ideológica dos conservadores, que propõem "soluções" para a crise baseada em receitas friedmanianas. A proposta desses setores, que consistiria em desmantelar o *welfare state* e confiar nas forças do mercado, significaria a marginalização e polarização social, além da destruição definitiva do "modelo alemão", salvo a hegemonia do setor de exportação. Por ser o único proponente de idéias novas na teoria econômica, essa escola está penetrando nos meios de comunicação com agressividade, logrando um impacto junto à oposição democrata-cristã, embora segmentos importantes deste partido permaneçam a favor dos ideais da chamada *economia social de mercado*, que perseguiam quando no poder.

No entanto, na esquerda também há alguns grupos relevantes que se recusam aberta e crescentemente a dar consentimento básico ao "modelo". Para além de todas as diferenças entre eles, os vários movimentos sociais novos compartilham a mesma desconfiança com relação à ação do Estado, e um impulso autogestionário em clara contradição com a abordagem administrativa da social-democracia e com as estruturas corporati-

**Os novos
movimentos
sociais
compartilham a
mesma
desconfiança
para com o
Estado**



**Sedutoras idéias
ecológicas,
antimilitaristas,
antiindustrialistas**

vas existentes; os blocos eleitorais formados por esses setores dissidentes estão se instalando definitivamente como um quarto agrupamento, acabando com o sistema parlamentar tradicional dos três partidos. Cada vez mais freqüentemente, chegam até a ganhar o terceiro lugar nas eleições municipais e estaduais (nos *Länder*), obtendo maior votação que o Partido Liberal, e até deslocando-o do parlamento.

Na medida em que as políticas do governo, dominado pela direita do partido, são crescentemente influenciadas pelo pensamento neoliberal, muitos militantes de base sentem-se atraídos pelas idéias ecológicas, antimilitaristas e até anti-industrialistas desses movimentos novos. Essa ala tem como representante mais alto na hierarquia partidária Erhard Eppler, membro do comitê executivo. Segundo Eppler, a única maneira de impedir o partido de perder o contato com as gerações novas e com os problemas novos consistiria em tentar integrar esses grupos no partido e conviver com a discussão interna, até que um novo consenso surja com o tempo. Isso significaria que o partido teria de ganhar votos de setores que, ao mesmo tempo, estariam criticando severamente cada medida tomada pelo próprio governo social-democrata. Por outro lado, os tradicionalistas, cujo porta-voz intelectual é Richard Löwenthal, propõem a renovação do comprometimento do partido com o movimento operário "realmente existente" na Alemanha Federal — ou seja, do compromisso com o crescimento industrial, apesar dos protestos ecológicos; com o núcleo da força de trabalho industrial, através do aparelho sindical corporativo; e com a disciplina ideológica e organizacional interna.

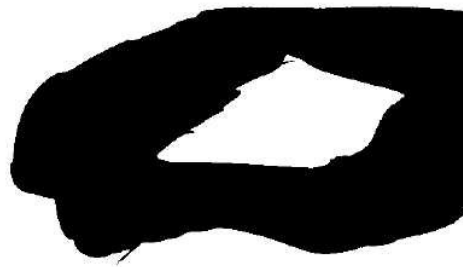
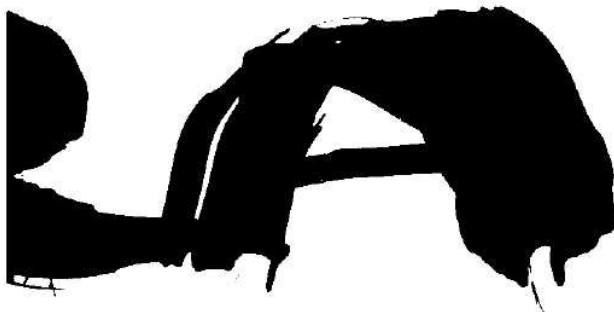
Essa crise de identidade do partido, aliada à crise econômica, levou à fuga maciça de eleitores, sobretudo de jovens e até de trabalhadores, que deixaram de votar na social-democracia para apoiar a esquerda ou a oposição conservadora. O SPD perdeu cada uma das últimas elei-

ções municipais e estaduais. Seus parceiros liberais na coalizão, liderados por Genscher, estão se preparando claramente para mudar de lado.

Um governo conservador, no entanto, apenas herdaria os mesmos problemas, e somente os agravaria se tentasse impor soluções bem definidas. Nenhuma força política parece capaz de remodelar o consenso com base na sua capacidade de garantir "segurança e crescimento". Tanto as medidas do governo quanto as propostas da oposição constituem, na realidade, uma colcha de retalhos de respostas *ad hoc* e contraditórias, sem que haja um projeto político convincente por trás delas. Os debates sobre os problemas vitais da sociedade alemã travam-se cada vez mais longe do parlamento, nas convenções das igrejas, nos eventos culturais, nos grupos comunitários, etc. Aos poucos, o gabinete e o parlamento são deixados de lado na tomada de decisões importantes que resultam de negociações a portas fechadas, nas cúpulas econômicas, nas conferências da OTAN, nas comissões européias, etc. Os partidos políticos não são mais considerados — nem eles próprios se consideram na verdade — uma expressão de identidade coletiva.³ Dada a natureza cada vez mais heterogênea dos grupos e problemas afetados, as leis e decisões administrativas são implementadas de maneira imprevisível e oportunista, e vigoram ou são sustadas conforme o potencial de protesto que suscitem. Nessas circunstâncias, os representantes do Estado não podem esperar que seus motivos tenham credibilidade ao tomarem decisões tão controversas como a instalação dos mísseis Cruise na República Federal a partir de 1983, a construção de centrais de reprocessamento nuclear, os cortes no orçamento destinado a áreas socialmente "sensíveis", etc.

De modo geral, tudo isso somado representa uma crise generalizada de legitimidade das ideologias e estruturas políticas tradicionais na Alemanha do pós-guerra. A emergência de movimentos sociais novos pode ser interpretada como

³ OFFE, Claus, *ibid.*



Uma geração política nova. E diferente

sinal de uma procura de elementos de um consenso novo, por enquanto limitado a subgrupos insulares, numa relação de causa e efeito com a crise da legitimidade dominante.

A esquerda "alternativa"

Embora em termos históricos os novos movimentos "alternativos" sejam impensáveis sem o movimento estudantil de 1968, também é verdade que representam claramente uma geração política nova e diferente, com a qual os já idosos sobreviventes do movimento estudantil têm dificuldade em se relacionar, e vice-versa. Talvez os vários movimentos feministas demonstrem maior continuidade desde a década passada até o presente; mas apenas porque foram os primeiros a perceber as limitações do movimento estudantil superintelectualizado, ritualizado e — é óbvio — patriarcal, guardando distância por essa razão. Outro patrimônio ininterrupto é o dos grupos de solidariedade com o Terceiro Mundo, prolongamento da ofensiva antiimperialista, no fim dos anos 60, do movimento contra a guerra do Vietnã (junto com algumas das suas projeções e tendências ao escapismo); especialmente, a campanha de solidariedade ao Chile após o golpe de 1973 serviu de canal de trânsito para parcelas da esquerda estudantil não atraídas pelas seitas marxistas dogmáticas, ou desiludidas com elas.

A demissão de Willy Brandt e o fim das expectativas reformistas marcaram um ponto crítico para o pensamento político da esquerda alemã. Ficou claro que a esquerda teria de coexistir com a sociedade conservadora dominante, sem que seu próprio futuro pudesse depender de transformações sociais prévias.

Nesse mesmo momento, o debate sobre os problemas ecológicos chegou a alcançar uma ampla aceitação, sob o impacto do choque dos preços do petróleo e de publicações tais como as do Clube de Roma, aliados ao agravamento dos pro-

blemas de poluição na Alemanha. Desde o fim dos anos 60, as pessoas afetadas por um projeto de construção de rodovias, aeroportos ou centrais de geração de energia, ou que deveriam ser removidas para novos complexos residenciais por causa dos planos de remodelação urbana, começaram a se organizar de forma espontânea e a resistir a esses planos, ou pelo menos participar deles. Essas "iniciativas de cidadãos" (*Bürgerinitiativen*) possibilitaram os primeiros contatos entre a nova esquerda intelectual e as formas práticas de politização que existiam fora das correntes marxistas de pensamento.

A partir de 1975, conduzido intelectualmente por físicos como Robert Jungk, o movimento antienergia nuclear tomou corpo como o mais importante entre os grupos ecológicos. Seus protestos, que contaram com multidões de manifestantes — até 100.000 em várias ocasiões —, e os processos legais movidos por eles praticamente pararam a construção de novas usinas desde 1977 e, portanto, frustraram as intenções da indústria nuclear alemã de converter o país em uma feira de exposição de centrais nucleares "para exportação".

Como subproduto do pensamento ecológico, alguns grupos saíram das cidades e começaram a cultivar seus próprios alimentos e a viver de acordo com suas próprias regras. O paralelo urbano disso foram as tentativas de estabelecer lojas de artesanato. Junto com as minorias sexuais, os grupos culturais contestadores como os *punks* e novos movimentos espirituais, entre os quais se destacam os *sanyassins* do Baghwan, começaram a constituir uma "cena alternativa" nas grandes cidades da Alemanha.

Em 1979, surgiram duas novas questões cristalizadoras para os movimentos sociais novos. Uma foi o escândalo da especulação urbana onipresente, que mantinha vazias milhares de unidades habitacionais, numa época em que a necessidade de habitação barata estava aumentando por causa do crescente núme-

Crescente temor pela fragilidade da paz mundial

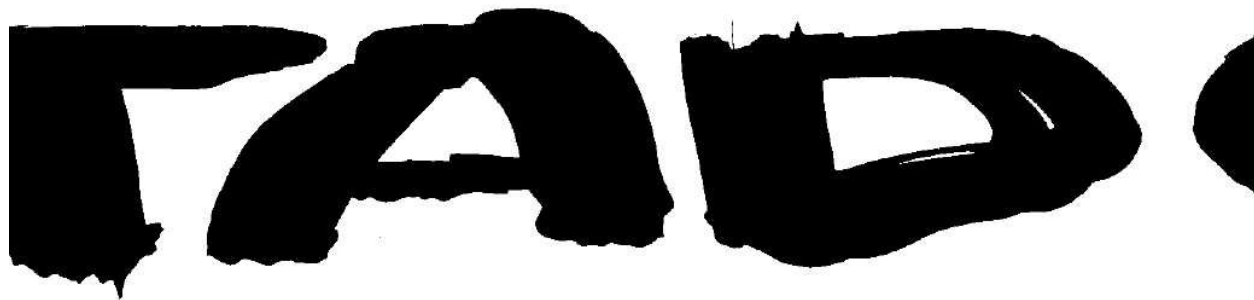
ro de desempregados. Uma nova coalizão de estudantes, jovens operários desempregados e outras pessoas sem oportunidades no mercado (ex-presidiários, *punks*. . .) começaram a ocupar essas casas vazias. A reação do Estado foi totalmente errática, variando da tolerância à repressão brutal. Especialmente em Berlim Ocidental, onde cerca de 140 edifícios de vários andares foram invadidos, os participantes do movimento de *squatters*, passaram a formar um novo pólo sócio-político, atraindo parcelas relevantes dos demais membros da "cena alternativa" que aderiram à sua luta contra a polícia e a favor do reconhecimento. O movimento apanhou a administração municipal em um momento de descrédito, após ter desperdiçado 110 milhões de marcos na falência de uma empreiteira que pertencia a um membro do Partido Liberal co-governante. Além disso, atraiu até as simpatias do público em geral porque ativamente empreendeu a reforma de casas que os proprietários tinham abandonado para obter a autorização de demolí-las e construir residências de alto padrão em seu lugar.

A outra questão foi o crescente temor pela fragilidade da paz mundial após os acontecimentos no Afeganistão, no Irã e na América Central, e a reação dos Estados Unidos a esses eventos, sobretudo a partir da eleição de Reagan. A aceitação por parte do governo da Alemanha Federal da instalação de toda uma nova geração de mísseis nucleares em solo alemão incentivou a fusão do movimento antinuclear com segmentos das igrejas católica e luterana, a "cena alternativa" e a esquerda política dentro e fora do SPD, num movimento pacifista impressionante que realizou a maior manifestação do pós-guerra na Alemanha Federal, em junho de 1981, em Bonn, reunindo cerca de 300.000 participantes para bater o seu próprio recorde um ano depois, no mesmo mês e no mesmo lugar, com 400.000 participantes. Até agora, os efeitos práticos do movimento incluíram o transformar a questão dos

mísseis no problema individual mais controvertido dentro do SPD, além de obrigar o governo a pressionar os Estados Unidos para que aceitem as negociações de Genebra, e (junto com movimentos simultâneos em outros países europeus) incentivar o presidente Reagan a fazer sua oferta conhecida como "opção zero", embora de má-fé.

O conflito mais recente em que os novos movimentos sociais comprovaram sua força relativa — e suas limitações — foi aquele que surgiu a partir de um projeto de ampliação do aeroporto de Frankfurt, com a construção de uma terceira pista de pouso. Os efeitos negativos incluíam a destruição de uma das últimas áreas verdes nas redondezas de Frankfurt; além disso, duvidava-se de sua real necessidade, a não ser para a indústria da construção civil e para fins militares. Em uma combinação de ações diretas, legais e políticas, um amplo movimento de resistência aliando as cidades vizinhas, os ecologistas e os "alternativos" batalhou durante vários meses contra a polícia, empreendeu ocupações, obteve mandados de segurança que adiaram a construção, e recolheram 200.000 assinaturas contra a terceira pista e a favor de um plebiscito (mais tarde indeferido pelo Tribunal Superior do Estado em Hessen por razões constitucionais). A perda de legitimidade da coalizão entre os social-democratas e liberais decorrentes desse movimento certamente deslocará os resultados da próxima eleição no Estado de Hessen em direção aos democrata-cristãos, isto é, para a direita, de forma contraproducente, como foi o caso dos efeitos do escândalo da falência e do movimento de invasões de propriedades em Berlim.

Entre os grupos políticos de esquerda, todos acharam necessário entrar em contato com esses novos movimentos sociais, desprezados durante algum tempo por causa das posições supostamente "apolíticas" e "ateóricas" que sustentavam, das limitações inerentes ao fato de focalizarem um só problema e da sua falta de



**Grandes
multidões
mobilizadas
contra a
destrutividade
social do
capitalismo**

**"A sobrevivência
é uma questão da
espécie, não de
classe"**

relações com as organizações engajadas no processo produtivo. Essas críticas tenderam a voltar-se contra seus próprios autores, em função da capacidade crescente dos novos movimentos de mobilizar grandes multidões contra as manifestações concretas e reais da destrutividade social do capitalismo, e de interligar todos esses temas, fundindo-os num discurso de contestação que talvez sintonize pouco com os mais antigos pressupostos teóricos, mas tem comprovada relevância para a luta real contra o capitalismo na Alemanha Federal. Algumas das seitas marxistas-leninistas que surgiram do movimento estudantil de 1968 autodissolveram-se dez anos depois, para fundir-se com os movimentos ecológicos e "alternativos" e com suas expressões políticas. Evidentemente, não se pode esperar o mesmo do pequeno Partido Comunista, pró-URSS, eleitoralmente irrelevante mas muito ativo dentro do movimento pacifista, ainda que isso dê pouca alegria a outros setores, que não acham possível avançar muito sem que se coloque na mesa a questão dos mísseis soviéticos SS-20 junto com a dos planos ocidentais de modernização.

O mais antigo grupo pertencente à esquerda socialista não-dogmática, que ainda está em atividade, é o Sozialistische Büro. Como o movimento feminista, essa organização pôde sobreviver ao movimento estudantil durante mais tempo por ter evoluído mais cedo rumo à superação de suas limitações. Foi organizado como escritório informal que assegurava a coordenação e infra-estrutura para todas as correntes da esquerda intelectual que se recusavam a alinhar com as organizações de tipo leninista. Um de seus líderes intelectuais, o sociólogo Oskar Negt foi o primeiro a formular um princípio organizacional que agora é amplamente aceito pelos novos movimentos sociais (embora talvez não exatamente da mesma maneira que Negt propunha): "Organizar segundo os interesses, não por cabeças", ou seja, quantitativamente (o lema é título de um artigo programá-

tico reeditado por O. Negt em *Sozialismus und Demokratie*, Frankfurt, 1978). O Sozialistische Büro viveu esse princípio até certo ponto, aliando alguns grupos sindicais e de assistentes sociais a uma base essencialmente universitária. No entanto, parece que não vai ter muito mais fôlego de agora em diante.

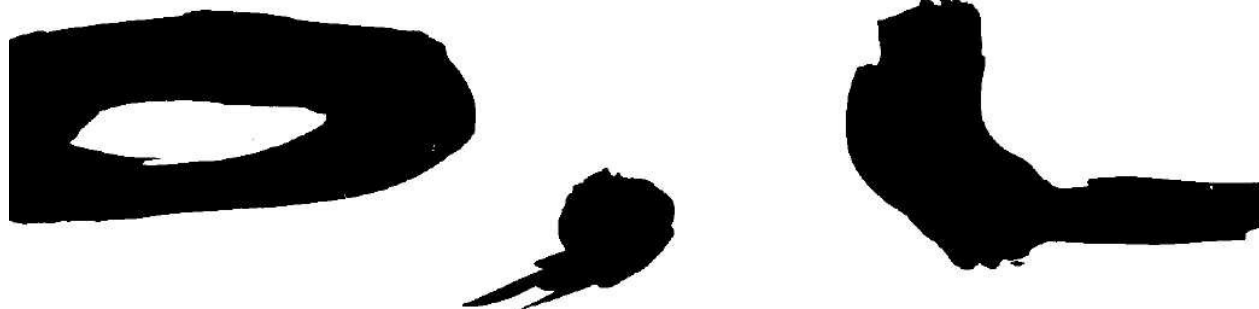
Outras frações dos grupos socialistas tradicionalistas reagruparam-se ao redor do jornal recém-fundado *Moderne Zeiten*, que se perfila como mais uma tentativa de organizar um partido marxista, desta vez segundo princípios menos sectários, talvez eurocomunistas.

Quanto à ala esquerda do SPD, um deputado acaba de ser expulso e outro demitiu-se por tentarem formar um partido socialista democrático "autêntico" em termos não-marxistas.

Enquanto isso, os novos movimentos sociais encontraram uma expressão política provisória totalmente independente da esquerda marxista. Em 1979, os ecologistas fundaram vários agrupamentos eleitorais, entre os quais o único com relevância nacional é o partido Die Grünen (*Os Verdes*). Para esse partido, a luta contra o industrialismo prevalece sobre a luta de classes. Nas palavras de Rudolf Bahro, militante convicto do grupo na sua tentativa de formar um movimento de massas ecopopulista: "A sobrevivência é uma questão da espécie, não de classe". Curiosamente, nesse partido fundiram-se grupos conservacionistas conservadores, e até alguns restos de grupos antimonopolistas de classe média que antigamente haviam apoiado Hitler. Algumas seções locais mostram tendência a aceitar uma aliança com os democrata-cristãos visando à derrubada dos social-democratas no poder.

Nas cidades onde a esquerda marxista não-dogmática conquistou algum terreno e onde a ecologia constitui apenas uma entre várias questões na plataforma de contestação, a tendência tem sido formar chapas alternativas, buscando uma aliança eleitoral bastante informal.

Onde os Verdes e Alternativos não



**Importa mais a
prática social
cotidiana das
bases do que o
trabalho
parlamentar**

**Nas pichações,
a expressão
pública de
sentimentos e
estados de
ânimo bem
pessoais:
humor,
fantasia,
poesia**

competiam entre si ou até formavam uma coalizão eleitoral, conseguiam em recentes eleições ultrapassar a barreira dos 5% obrigatórios para representação parlamentar, chegando até 9% ou mais, à custa de todos os outros partidos. A eleição nacional de 1984 constituirá uma prova importante, em que o critério do "mal menor" talvez faça com que voltem novamente a ter menos de 5% dos votos. Apesar de haverem elaborado posições sobre todas as questões de interesse nacional, ambos os grupos ainda não adquiriram o perfil de uma alternativa de poder. Por causa de sua composição bastante heterogênea e de seus programas voluntaristas, representam basicamente um potencial de protesto, cujos resultados eleitorais dizem mais a respeito da crise da ideologia dominante do que da emergência de uma ideologia nova.

No entanto, é possível que a articulação difusa, hesitante e insular de novos elementos discursivos, junto com as tentativas fragmentárias de alcançar formas de vida comunitária segundo valores novos, tenha um significado muito mais profundo e efeitos que vão muito além daquilo que possa ser expresso numa eleição. Uma das características dos novos blocos eleitorais é que todos declaram que o trabalho parlamentar fica em segundo plano comparado à prática social cotidiana de suas bases, seja nas confrontações de massa com o Estado, seja na construção de diferentes modelos de comunicação humana no dia-a-dia.

Assim, os projetos comuns fora da esfera eleitoral podem ser ainda mais representativos dos traços comuns e da relevância social — e portanto política, num sentido mais amplo — dos novos movimentos sociais. Podemos mencionar o jornal *Tageszeitung*, totalmente caótico e imprevisível, e que por isso mesmo tem um grande público leitor. Foi fundado em 1979 em Berlim e já vende mais de 30.000 exemplares por dia. (A campanha desse jornal denominada "Armas para El Salvador" arrecadou até agora 3 milhões de marcos — mais de 1 milhão

de dólares —, tornando-o assim uma das mais importantes fontes de finanças da esquerda salvadorenha, e levando-o para a esfera da política mundial.) Podemos também mencionar a cooperativa de crédito Netzwerk (Rede), que está ajudando na criação de projetos alternativos através de fundos rotativos provenientes de doações. Finalmente, e talvez mais importante, devemos ressaltar os elementos de uma revolução "cultural" na vida cotidiana, como também em suas formas de expressão pública. Um exemplo disso é o efeito inovador da linguagem do *Tageszeitung* sobre a comunicação social, identificando elementos autoritários e patriarcais na língua alemã oficial, e colocando em circulação equivalentes mais igualitários (por exemplo, *mensch* — ser humano, em vez do termo impessoal mas claramente masculino, *man*). De fato, os gráficos têm o direito de inserir nas páginas do jornal comentários a respeito daquilo que têm por obrigação compor, além de poderem fazer experiências com a ortografia. Outro exemplo é o da cultura dos murais pintados — às vezes cobrindo toda uma casa ocupada — e das pichações que, contrastando com os slogans tradicionais do tipo "Abaixo..." ou "Viva. . .", colocam muito humor e fantasia, até mesmo poesia, em suas mensagens, e dão expressão pública a sentimentos ou estados de ânimo bem pessoais. Talvez toda a gama de elementos contraditórios esteja expressa mais claramente no slogan das ocupantes das casas invadidas: *Gefühl und Härte* ("sentimento e inflexibilidade", ou, "combatividade" — literalmente "dureza"), escrito no estilo *punk* com letras rúnicas parecidas com suásticas.

**Rumo a um novo conceito
de política**

Em face desses sinais de uma nova cultura social e, por extensão, política, as modalidades tradicionais de medir e definir as forças políticas dificilmente



⁴ Cf. LECHNER, Norbert, *A Constituição de Agentes Políticos*, IPSA, XII Congresso Mundial, mimeo, p. 4.

**Contra a
necrofilia
capitalista,
o valor mais
prezado é a
própria vida**

poderão mostrar-se adequadas para compreender o significado desses novos fenômenos. A mera descrição do efeito que conseguiram provocar no processo decisório governamental certamente será incapaz de traduzir o verdadeiro significado de sua atuação, como também o será uma simples referência aos dados sobre o número de filiados e porcentagens de votos ganhos. Em termos de potencial de protesto, oferecem uma medida das limitações da política dominante; mas como caracterizar suas identidades políticas em termos positivos?

Não se pode dizer nada definitivo sobre esses movimentos, e muito pouco daquilo que se pode dizer aplica-se a mais de um, em determinado momento e lugar. Temos que levar em conta o fato de que esses movimentos envolvem a sociedade alemã inteira, ocupando todas as brechas nela existentes. O único denominador comum é o fato de que todos estão *do lado de fora* com relação a *algum* aspecto mais ou menos específico da organização social dominante. Mas em que medida constituem realmente alternativas, no sentido de serem não apenas "não aquilo" mas também "uma outra coisa"? Haverá alguns padrões básicos e pouco específicos da cultura política dominante em face dos quais a maioria relevante desses movimentos seja "externa", de modo semelhante, e portanto alternativo?

Podemos dizer, de forma bastante tentativa, que talvez existam elementos comuns nos seus esforços para integrar a vida pessoal e a subjetividade na ação comunitária, para avaliá-los em função de seus efeitos sobre o bem-estar pessoal (material, social, sensual, psíquico. . .) *hic et nunc*, e para encontrar formas de organização, participação e comunicação que lhes permitam aproximar-se desse objetivo.

À primeira vista, pode parecer que isso constitui apenas uma mudança de ênfase relativamente pequena e personalista. Mas, na realidade, o *potencial* de mudança subjacente dificilmente pode ser

superestimado. Na minha opinião, são as noções dominantes do "político" e de "fazer política" que estão sendo decompostas e para as quais está se recompondo uma concepção alternativa.⁴

A ofensiva contra a sociedade burguesa não é centrada em alguma relação específica de dominação, mas na *alienação* enquanto tal, e em todas as suas formas. O objetivo é reconstituir as esferas de autodeterminação e auto-realização. O valor mais prezado é nada menos que a própria *vida*.

O capitalismo, com suas tendências necrófilas, é visto como uma agressão contra as oportunidades de vida em si mesma. O que se procura em contraposição são os modelos "biófilos" (Reich, Fromm) de vida individual e comunal, principalmente com vistas à realização pessoal imediata, e apenas como subproduto para a sociedade futura.

Na medida em que a base da necrofilia capitalista e da alienação é a produção de *mercadorias*, que separa o valor de troca do valor de uso, o importante é colocar-se fora das relações mercantis sempre que for possível: por exemplo, evitar a venda da sua própria força de trabalho, se possível; reaprender a produzir parte dos bens de que se precisa; aprender a se satisfazer a partir da criatividade e das relações humanas vitais, em lugar do consumo de mercadorias.

As implicações disso ultrapassam de longe a esfera daquilo que se considera tradicionalmente o campo político. Por exemplo: se é a *vida* que conta, a ação não pode ser orientada por *metas* preestabelecidas e imutáveis — o próprio movimento, com as oportunidades que oferece para obter experiência e crescer, é a meta. Isso ilumina de uma forma nova a *contradição* como princípio do movimento: não pode haver uma hierarquia preestabelecida de contradições "antagônicas" e "secundárias", mas apenas contradições *presentes*; não se pode mais pensar a negação como erradicação, mas sim como reintegração do oposto, inclusive da negatividade pessoal e social. Se



Levar a vida privada para a esfera pública e vice-versa

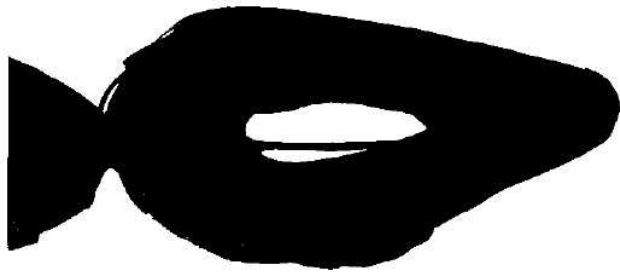
a contradição é um elemento de crescimento e não algo a ser ultrapassado, e se a vida é o valor básico, toda a problemática da *violência* tem que ser reavaliada — talvez não no sentido de uma posição estritamente não-violenta, mas repensando a violência como parte de um princípio de vida. O *tempo* não é mais algo estático, linear e objetivo; as mudanças nunca podem surgir a partir da "história" ou do "futuro", mas sim do presente. A relação entre o *indivíduo* e a *sociedade* não pode ser pensada de um ponto de vista que dê ênfase exagerada seja ao indivíduo, seja à sociedade; deve-se voltar à definição do ser humano como *zoon politikon*: uma criatura viva que não pode viver fora da comunidade, sendo que a comunidade não pode ser pensada abstratamente, sem seus componentes individuais. Isso pode implicar a recuperação de um espaço muito mais significativo para a ação individual dentro da e para a sociedade. A vida presente não pode ser mudada para os outros; mas não é inútil nem impossível mudá-la para si, e assim abrir caminho para que os outros mudem suas próprias vidas (o princípio da "parteira"). Talvez seja esse o significado profundo da reinterpretção acidental de Marx feita por Rudi Dutschke.

Tudo isso constitui muito mais um "estado de ânimo" e uma tendência possível do que uma prática real. De qualquer forma, estão sendo experimentadas novas relações entre as esferas da vida tradicionalmente consideradas "públicas" e "privadas". A própria separação é vista como parte da separação subjacente e alienante entre valor de uso "vivo" e valor de troca "morto". A esfera "pública" é então o reino das relações mercantis e das personificações "mortas" no lugar das pessoas; a "privada" é uma categoria residual e o último refúgio da individualidade inevitável, escondido da — e pela — sociedade. Em contraposição a isso, buscam-se caminhos para ampliar a articulação da expressão humana não-alienada dentro da comuni-

dade — nos termos tradicionais: levar a vida privada para a esfera pública. Por outro lado, a comunicação com as pessoas — e não com as personificações — é algo necessário para o crescimento humano. Devem-se encontrar novas formas de vida comunal ou grupal para preencher a lacuna deixada pelas formas capitalistas de relações sociais alienadas — em outras palavras: levar a vida pública para a esfera privada.

Isso significa: no que se refere aos princípios organizacionais, procurar constituir grupos pequenos baseados em relações interpessoais, enquanto agentes ou pelo menos componentes celulares; esforçar-se para evitar especializações e profissionalizações e tornar as questões em debate acessíveis e claras para cada membro do grupo; experimentar as formas de democracia de base, tais como o mandato imperativo, a representação rotativa e um processo decisório plebiscitário. Igualmente tende-se a repelir qualquer tipo de estrutura grandiosa, anônima e burocrática, sobretudo o Estado em sua forma atual.

Gostaria de dar uma ilustração disso. Em Berlim Ocidental, um dos seis membros eleitos da *chapa alternativa* para a Câmara Municipal foi prestar contas à assembléia geral distrital do movimento. Dava sinais claros de estar à beira da estafa. Pediu que se designasse um funcionário pago para trabalhar com ele, para dar um mínimo de eficiência a seu trabalho. Seguiu-se um debate acalorado: para alguns, tal grau de profissionalização seria uma exceção necessária para não desperdiçar o espaço político conquistado a duras penas; para outros, significaria o começo da burocratização. "Não admito que X (nome do representante) destrua os meus sonhos!", gritou um participante (após a sessão, aproximou-se para assegurá-lo da sua amizade). Em consequência, organizaram-se alguns "coordenadores" voluntários ou parcialmente remunerados junto aos grupos de trabalho informais de base, que deveriam então "emprestar" seus coordenadores



As forças produtivas se tornaram destrutivas

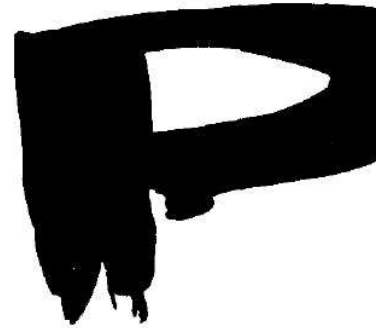
aos representantes na Câmara, se houvesse necessidade de fazer uso de seus conhecimentos específicos.

A negação dos conceitos tradicionais

Esses elementos de uma nova noção do "político" ainda estão sendo formados, predominantemente em oposição à noção ultrapassada representada pela política burguesa estabelecida, mas também à da esquerda marxista tradicional; é lá, portanto, que deveríamos encontrar a maioria dos seus traços. Se pudermos definir os padrões básicos da política tradicional, tal digressão hermenêutica deverá indicar uma boa pista quanto aos rumos da alternativa oposta. Para simplificar a discussão, prefiro restringir-me, quanto aos partidos estabelecidos, à noção de política corrente no SPD enquanto partido no governo e adversário mais "visível" dos novos movimentos sociais; e, quanto ao tradicionalismo marxista, do qual os novos movimentos se diferenciaram em termos "geracionais", focalizarei algumas características básicas dos vários grupos leninistas que surgiram do movimento estudantil de 1968, na Alemanha Federal.

a) Negação da social-democracia

A questão em jogo não é a longa relação de políticas e medidas governamentais concretas, que constituíram o eixo de conflito com os novos movimentos sociais. Não precisamos tampouco mencionar as áreas de consenso, onde as aspirações alternativas não diferem em sua essência da prática e/ou ideologia social-democrática. Com a expressão "noção da política" não nos referimos — a não ser indiretamente — a algum conteúdo, mas aos pressupostos básicos quanto a: *o que é político, quem constitui um sujeito político, e como se efetuam e se medem as decisões societais* (e disso o

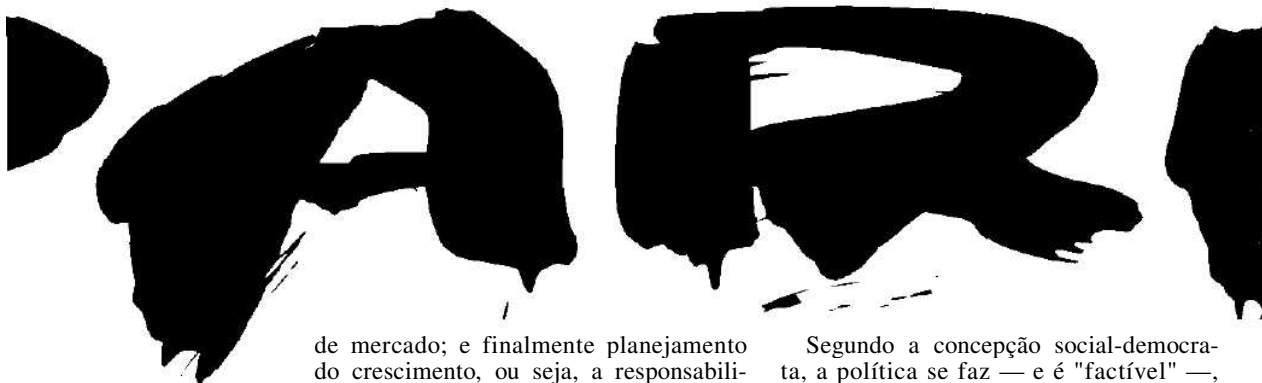


onde e o quando são conseqüências adicionais). Esses pressupostos subjacentes orientam todas as atitudes políticas, fornecendo uma matriz de comunicação entre amigos e adversários; no entanto, raramente são verbalizados ou sequer conscientes. Poderíamos chamá-los de *subconsciente político*. Têm a ver com um conjunto de valores políticos e gerais para os quais as pessoas sentem — conscientemente ou não — que esses pressupostos são instrumentais.

Para a social-democracia, o conjunto de valores em questão evoluiu historicamente em relação ao objetivo de eliminar a pobreza das classes subalternas, através de uma distribuição "justa" da riqueza social. O desenvolvimento das forças produtivas, que hoje equivale ao crescimento industrial, significava que se poderia distribuir maior riqueza. Era, portanto, "bom". A consciência política dos novos movimentos sociais, ao contrário, parte da percepção de que as forças produtivas se tornaram forças destrutivas; e a experiência deles é a do "terror do consumo", em vez da carência ou da fome.

Desde os primórdios do século XIX, a social-democracia sempre projetou suas expectativas de produção eficiente e de uma justa distribuição da riqueza sobre a capacidade reguladora do Estado, concebido como agente neutro capaz de transformar-se em instrumento de liberação e justiça social nas mãos de um partido operário. Nesse sentido, toda a história da social-democracia alemã pode ser reinterpretada como a ascensão lenta e gradual do Estado da posição de servo à de senhor da meta original de uma sociedade sem exploração e sem miséria.⁵ As principais fases conceituais contidas nessa transfiguração foram: a identificação do socialismo com uma economia estatal planejada; o "capitalismo organizado" (*Hilferding*) como estágio "ainda" capitalista mas "já" regulado de forma centralizada, e supostamente precursor do socialismo; o planejamento social dentro de uma chamada economia social

⁵ FABLER, Manfred: "Gesellschafts- und Emanzipationsprojekte der deutschen Sozialdemokratie. Einige historischen Thesen", in FDCL (ed.), *Sozialdemokratie und Lateinamerika*, Berlim, FDCL, 1982.



de mercado; e finalmente planejamento do crescimento, ou seja, a responsabilidade estatal no que respeita a assegurar fluidez da acumulação capitalista como pré-condição de sua capacidade fiscal de executar medidas redistributivas. Com essa transposição da antiga tradição da solidariedade comunitária mútua às funções do Estado, estar "no poder" passou a representar nada menos do que um substitutivo de programa. E "ficar no poder" tornou-se um mandato da história, mesmo que o preço seja implementar políticas que não possam ser reconhecidas como social-democráticas. Nas palavras de Willy Brandt: "Em algumas situações e sociedades, é preciso um grande esforço para salvaguardar aquilo que se realizou, sem perder a credibilidade".⁶

Para os novos grupos políticos e sociais que não acompanharam o SPD nessa longa marcha, a credibilidade perdeu-se inevitavelmente. Para eles, o Estado não é, nem pode ser, um agente do tipo de mudanças positivas que consideram possíveis e necessárias; não é um regulador autônomo, mas sim uma expressão da relação predominante de forças; e, pelo seu gigantismo e por suas estruturas burocráticas, constitui a própria anticomunidade.

É claro que o Estado existe e tem que ser levado em conta. Mas as mudanças não ocorrerão em decorrência da ação parlamentar, nem mesmo da "tomada" hipotética do poder estatal. Devem, isto sim, ser prefiguradas na textura da sociedade através de um "fazer diferente" todos os dias. As mudanças importantes são de tal tipo que não podem ser impostas aos outros pela lei ou por decreto administrativo; têm que ser difundidas através de modelos. A sociedade tem que ser remodelada de baixo para cima, tornando o Estado uma superestrutura cada vez mais oca, que um dia ruirá por si só ("Imagine there was war and nobody went there").⁷ E, se a atividade política não for centralizada no Estado em direção ao Estado, a política não será feita, mas vivida.

Segundo a concepção social-democrata, a política se faz — e é "factível" —, o que implica a existência de pessoas que a fazem. Dessa maneira, todo um estilo de política acaba fazendo parte do subconsciente político, por exemplo: a personalização da política ao redor de figuras de destaque; o hábito de procurar o apoio político necessário de outras pessoas que fazem política "em cima" e "fora", ao invés de procurá-lo na capacidade de sua própria base de tomar iniciativas; pensar e praticar a política como uma transação entre elites profissionalizadas que *administram* os interesses e conflitos, que não pertencem mais — ou nunca pertenceram — aos próprios interessados; considerar a distância com relação à base como um passo positivo para a frente, em direção ao tipo de profissionalismo desejado; pensar em termos dos "fatores de poder" e não das forças, dos interesses e dos processos sociais; um discurso mediado e tecnocrático que elimina a representação imediata do interesse material ou do sofrimento físico e psíquico; perspectivas de mudanças que excluem de sua visão toda a "microestrutura do poder" nas relações pessoais do dia-a-dia e que, conseqüentemente, não questionam a própria dominação social em si; a concepção das organizações políticas como versões menores do aparelho estatal que procuram controlar, com a prática resultante de constituírem uma hierarquia no seio dos que fazem política e entre estes e os membros da base partidária.

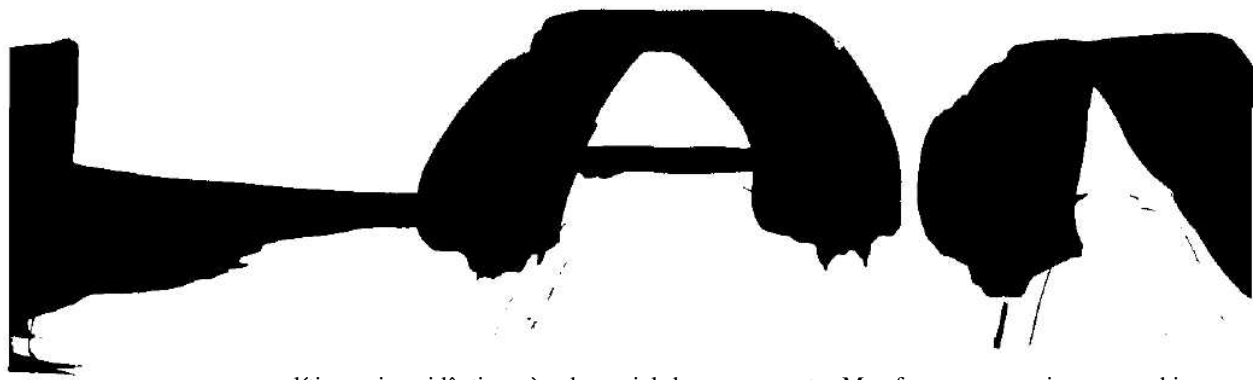
Se se procurar o oposto de cada uma dessas orientações, chegar-se-á perto das atitudes que aparecem como "novas" em alguns dos movimentos "alternativos". Para resumir, podemos denominá-las imediatismo e igualitarismo. A incongruência das duas culturas políticas não poderia ser maior.

b) Negação do leninismo

Não é surpreendente que muitos elementos das concepções leninistas de po-

⁶ Discurso inaugural no Congresso da Internacional Socialista em Madri, 13 de nov. de 1980.

⁷ "Imagine que havia guerra e ninguém compareceu", frase da famosa canção de John Lennon.



**Sendo
particularistas,
mobilizam
multidões nunca
dantes
mobilizadas pelo
generalismo
teórico
marxista**

lítica sejam idênticos às da social-democracia — afinal, são ramificações rivais do mesmo tronco histórico. São eles o objetivo de concentrar a competência social dentro do aparelho estatal, levando a desapropriar a participação junto com os meios de produção; a identificação do crescimento industrial com o progresso; a concepção de política como algo que *se faz* através de e no Estado, por meio de organizações políticas hierárquicas cuja lógica visa a acumular o poder e exercê-lo *em nome* da base, sem a participação desta. Visto que a eficiência é prioritária, a disciplina e a unidade devem ser impostas, mesmo ao preço da rigidez. É evidente que isso exclui os estados de ânimo pessoais como temas possíveis da política. De forma correspondente, os leninistas na Alemanha Federal ganharam a maioria de suas batalhas no campo da teoria objetiva.

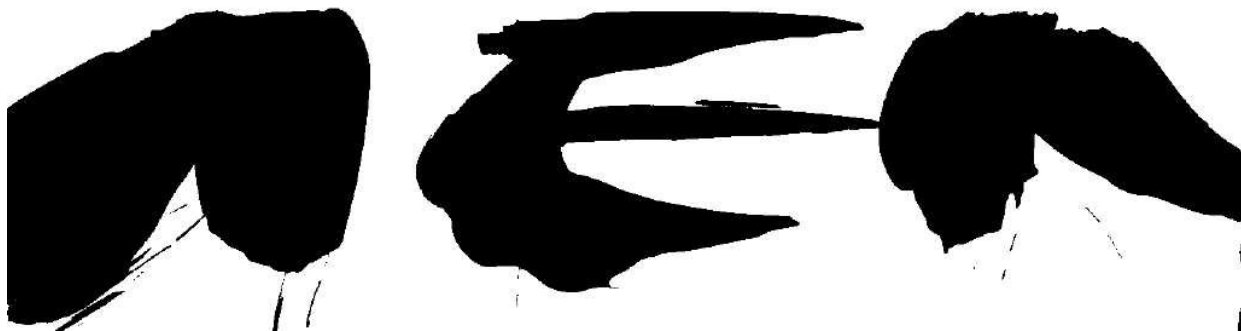
A nova geração política não sente mais essa teoria e esse discurso como instrumento de libertação na batalha contra a teoria burguesa — tal como o foi para o movimento estudantil de 1968 dentro da universidade —, mas como algo limitador e alienante. Nem as "leis gerais" nem a "transformação global" tiveram relação positiva com o campo de sua experiência. O desenvolvimento das forças produtivas deve ser subordinado ao desenvolvimento das forças humanas da *vida*, a começar com as únicas que eles mesmos possam desenvolver: suas próprias forças. O raio de alcance de sua ação é muito mais limitado em termos conceituais, mas infinitamente mais prático. Sendo particularistas, conseguem mobilizar multidões nunca mobilizadas pelo generalismo teórico marxista.

Os interesses defendidos por eles não são os de uma classe nem os da história; são seus próprios interesses, os do presente. Não há interesses históricos, a não ser os interesses imediatos. Nesse sentido, os movimentos em questão não são utópicos na acepção tradicional, parecem antes ser a-utópicos. Não pretendem conhecer a história melhor e antecipada-

mente. Mas fazem — ou vivem — a história mudando seu próprio presente. E a única maneira de evitar a perda da oportunidade de mudar o presente reside na espontaneidade.

Não pensam o poder como meta positiva. Logo, toda a problemática da organização é uma questão pragmática, ao invés de teórica e essencial. Consideram que uma direção centralizada destrói as iniciativas espontâneas e o aprendizado personalizado, que são o que conta. A democratização deve começar aqui e agora, e não será alcançada através de métodos não-democráticos. Se o socialismo não for um processo contínuo de democratização, por que haverá de ser um objetivo? Se o socialismo não é algo que chegará em algum dia "D" pela socialização — ou estatização — dos meios de produção, toda a questão da base de classe da revolução socialista perde muito de seu interesse. O proletariado alemão não se fez muito presente nas lutas travadas pelos *alternativos* por uma realização individual imediata e por condições de vida humanas; de maneira geral, tem agido como defensor do industrialismo e da organização social administrada pelo Estado. Por que alguém deveria sequer dizer um "adeus ao proletariado" quando este nunca esteve presente, a não ser no caso de alguns indivíduos, como também ocorreu com as demais classes sociais? O proletariado esteve submetido à ideologia que afirma que trabalhar por um salário é o centro da vida, e que a reprodução consiste no tempo que sobra para o consumo de mercadorias. Do ponto de vista imediato, ao contrário, a reprodução é a realização do potencial criativo, a vida de verdade — e o trabalho é apenas uma necessidade.

É curioso notar que os marxistas tradicionalistas — e até mesmo os não-dogmáticos — nunca se identificaram claramente com a sociedade de cujo Estado pretendiam, em teoria, apossar-se; sempre adotaram uma posição internacionalista. Nos novos movimentos so-



⁸ NOLLE, Karl e WOLF, Frieder O.: "Sich anders, aber wirksam organisieren", in *Moderne Zeiten*, n.º 3/82, março de 1982, pp. 19-21.

Imediatismo: a inovação mais preciosa e a limitação maior

ciais, a questão nacional voltou a figurar na ordem do dia. Quais são realmente os valores e as tradições que defendemos ao tentar fazer da Alemanha um lugar adequado para a realização humana? Quais os seus limites? Surge do movimento pacifista a idéia da neutralidade. Estão aparecendo os elementos de um novo nacionalismo que tem poucas ligações com o nacionalismo histórico, *chauvinista* e expansionista, mas revela paralelos com o nacionalismo antiimperialista do Terceiro Mundo.

Algumas interrogações

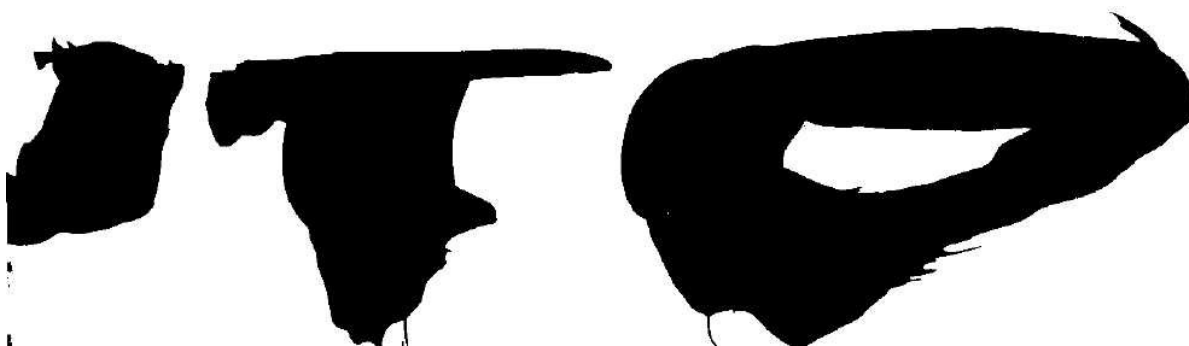
Evidentemente, uma concepção diferente do "político" pode evitar algumas das limitações da concepção antiga, mas deverá gerar suas próprias limitações. Talvez o *imediatismo* seja, ao mesmo tempo, a inovação mais preciosa dos novos movimentos sociais, e sua maior limitação. O imediatismo individual pode significar o aferrar-se a estados de ânimo passageiros, o que impede a solidariedade com outros que poderiam modificar tais estados de ânimo. O imediatismo *temporal* pode implicar perda do princípio da realidade causada pelo desprezo à experiência histórica. O imediatismo *conceitual* e o imediatismo dos temas focalizados pode levar ao isolacionismo *antiteórico* e à ausência de visão do contexto, possibilitando a subestimação depressiva ou a superestimação eufórica dos espaços políticos. E o imediatismo *organizacional* pode significar a confusão, a irresponsabilidade e a incoerência. Sem esforçar-se para refletir os interesses predominantes e para encontrar formas de articulação de tais interesses, esses movimentos podem facilmente ser levados a competir uns com os outros por uma estratégia estatal que privilegie alguns dos interesses representados, à custa de outros. Sem que haja uma referência desse tipo a uma gama mais ampla de interesses e a uma estrutura formal mínima, a vida em grupo pode evoluir a ponto de transformar-se no contrário de

um contexto comunitário para a realização humana: pode funcionar como "grupelho fechado", com uma hierarquia interna informal mas rígida, cheio de intrigas e incapaz de desenvolver uma cultura de debate político válida, em competição permanente com outros grupelhos, e portanto submetido à mania constante de delimitação.⁸ E, mais importante ainda, as organizações puramente informais em bases espontâneas não poderão lidar efetivamente com o mundo externo, que não pode ser eliminado por força da vontade.

Existem toneladas de exemplos de todos esses problemas e ambigüidades. Atualmente, por exemplo, três dos quatro membros da administração municipal de Bremen eleitos pela *chapa alternativa* estão travando uma guerra pessoal contra o SPD mas também contra o Partido Verde, em crescente aliança com os conservadores. Segundo se informa, o que resta de sua própria "base" não é mais do que nove pessoas.

Alguns grupos pertencentes à direita nostálgica nacionalista, pouco numerosa, estão encontrando um novo lar no nacionalismo *alternativo*. A retórica das correntes anarquistas e antiautoritárias (um exemplo poderia ser Cohn-Bendit) às vezes chega muito próxima à do ultraliberalismo.

Entre os vários movimentos, há muitas incompatibilidades. Por exemplo, o aborto livre é considerado uma reivindicação essencial por todos os movimentos feministas; isso faz com que seja difícil conquistá-los para o Partido Verde, onde os naturalistas mais dogmáticos o consideram um crime contra a natureza. Numa reunião dos membros do movimento Baghwan em Berlim, Rudolf Bahro tentou convencê-los a aderir ao movimento pacifista, deixando claro que achava irresponsável enclausurar-se na espiritualidade quando todas as contribuições possíveis à luta prática são necessárias. Previsivelmente, os primeiros responderam-lhe que já representavam o pacifismo mais radical.



⁹ KORNER, Magnus, *Tageszeitung*, 29 de março de 1982.

**Contra todas as
formas de
desapropriação
das oportunidades
de vida**

De modo análogo, resta verificar o grau de imunidade dos vários agrupamentos à integração social e política. Em Berlim, houve um longo debate entre os *squatters* sobre a aceitação ou não de negociações com o Estado em torno de uma possível legalização de sua situação. A administração municipal chegou até a oferecer lotes aos proprietários em troca das casas invadidas, se os ocupantes aceitassem a legalização da invasão! "Aquele que passa o dia inteiro empapelando as paredes esquecerá a revolução."⁹

Até certo ponto, é inevitável que haja um grau de integração ou pelo menos de adaptação aos conceitos e formas políticos dominantes, para que um movimento pacifista ou antinuclear seja eficaz. Apenas uma pequena minoria dos participantes dos movimentos *alternativos* ganha sua vida de modo alternativo, fora das firmas ou instituições capitalistas "normais". O imediatismo autogestionário e o igualitarismo espontaneísta são as tendências emergentes *novas*, não as únicas, nem mesmo as predominantes.

Os *alternativos* não são ingênuos a ponto de desprezar a realidade capitalista; mas também não é verdade que a esquerda marxista tenha continuado a mesma após os próprios fracassos e diante do fato de que os movimentos sociais tomaram rumos diferentes dos previstos. Nos debates atuais, suas posições são muito mais convergentes do que possa dar a entender a descrição simplificada aqui exposta. Essas posições poderiam ser resumidas como segue.

Para o pensamento *alternativo*, a exploração e a dominação são experimentadas e interiorizadas nas áreas mais variadas da prática social, não apenas no processo de trabalho capitalista ou no confronto direto com o Estado. Qualquer estratégia da esquerda tem que levar em conta todas essas formas de desapropriação das oportunidades de vida; só assim é que a mobilização poderá ser suficientemente ampla e radical para erradicar a dominação burguesa. Portanto, a reconquista cotidiana da vida autode-

terminada, para si e para os outros, é tão importante quanto a organização. Uma forma alienante de organização é contraproducente.

Para o pensamento marxista, nenhum espaço de autodeterminação é definitivo enquanto a propriedade privada dos meios de produção e o poder de Estado baseado nela permanecerem intactos. Não há como evitar o confronto com o aparelho de dominação da burguesia. Para esse fim, são necessárias organizações eficientes que ataquem os pontos críticos da sociedade burguesa: a produção de mais-valia e o Estado. A recusa de adaptação à sociedade existente e formas mais igualitárias de comunidades só serão possíveis enquanto não desafiarem seriamente o poder dominante. A *alternativa* é, na realidade, um complemento do capitalismo, que na melhor das hipóteses poderá exercer funções preparatórias em momentos de estagnação.

Talvez ambos os lados tenham razão, mas em níveis distintos. O primeiro poderá estar falando mais em termos de uma revolução cultural a longo prazo do que de uma revolução diretamente política. O outro deve sua lógica às realidades concretas do poder. Isso poderia significar que ambas as direções teriam que ser seguidas simultaneamente. O progresso que se conseguir realizar na primeira direção poderá torná-lo mais fácil na segunda.

A questão é a seguinte: haverá tempo suficiente para uma revolução cultural? Ou será que os eventos políticos acabarão impondo a política tradicional, num esforço para impedir que aconteça o pior? É com sentimentos contraditórios que percebemos que muitos elementos presentes nos atuais movimentos *alternativos* tiveram precursor na época da República de Weimar, antes de 1933.

Tilman Evers é sociólogo e professor adjunto da Universidade Livre de Berlim. O autor pesquisa atualmente a filosofia política dos movimentos alternativos na Alemanha.

Novos Estudos Cebap, São Paulo,
v. 2, 1, p. 25-39, abr. 83
